



## NAS ENTRANHAS DO CONTATO: NOTAS SOBRE ANTROPOLOGIA E COLONIALISMO

**Valdir Aragão do Nascimento**

**RESUMO:** O artigo em questão buscou discutir as várias nuances que permearam a realidade dos indivíduos no contexto social ensejado pelo processo colonial. Apresenta uma breve análise acerca da atuação da Antropologia, enquanto ciência social e humana, no que diz respeito às suas contribuições, nem sempre positivas, no decorrer do período. Pretendeu, também, abordar historicamente os fatores sociais que engendraram o colonialismo, apresentando suas principais características e injunções ao redor do mundo. Aponta as contribuições teóricas de vários pensadores oriundos do mundo colonizado, tais como Chinua Achebe e Frantz Fanon. Discutem-se, ainda, as influências exercidas pela literatura na construção do imaginário ocidental sobre o Oriente; recorrendo, para tanto, à obra de Edward Said *Cultura e Imperialismo*.

**Palavras-Chave:** Colonialismo, Antropologia, Literatura, Contato.

**ABSTRACT:** The article in question sought to discuss the various nuances that permeated the reality of individuals in social context occasioned by the colonial process. Presents a brief review about the role of anthropology as social and human science, with regard to their contributions, not always positive, during the period. Intended to also address the social factors that historically engendered colonialism, with its main characteristics and injunctions around the world. It points out the theoretical contributions of various thinkers from the colonized world, such as Frantz Fanon and Chinua Achebe. We discuss also the influence exercised by literature in the construction of the East on the Western imagination, using for this purpose, the work of Edward Said *Culture and Imperialism*.

**Keywords:** Colonialism, Anthropology, Literature, Contact.

A expansão colonial iniciou-se no século XV com as Grandes Navegações. Foi capitaneada pelos países europeus, notadamente Portugal e Espanha e seguida, um pouco mais tarde, pela Inglaterra, França e Holanda. No entanto, coube a Portugal o pioneirismo da empreitada; graças a sua localização geográfica, sua centralização política e a existência de uma monarquia nacional precoce. Por conta desses fatores, a Europa preponderou geograficamente na empreitada colonial, abarcando, fora do seu continente, a maior parte do mundo; ocupando as Américas, a Austrália – até meados do século XVII – e grande parte da África até o início do século XIX.

Segundo Balandier (1951), a ação colonial, ao longo do século XIX, foi o aspecto mais importante da expansão europeia e aquele que teve maiores consequências. Abalou brutalmente a história dos povos que submeteu – quando não resultou no seu desaparecimento, constituindo-se no estranho que, segundo Martins (1993:12): “não só invade territórios tribais e terras camponesas, confinando ou expulsando, mas também quebra linhagens de família, destrói relações sociais, clandestiniza concepções culturais, valores e regras”. Assim, os não europeus eram tratados como “[...] inferiores, indesejáveis, fracos e



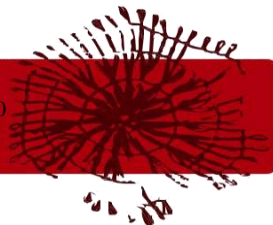
atrasados, ou mesmo infantis. Eles eram objetos perfeitos de conquista, ou ao menos de conversão aos valores da única e verdadeira civilização.” (Hobsbawm, 2002:118).

Bismark costumava dizer que a Europa tinha por obrigação a missão de levar a paz aos bárbaros, pois a ela caberia o papel de salvadora, devendo banir a escravidão; proibir o canibalismo; acabar com a prática de sacrifícios humanos; a incineração das viúvas, bem como levar práticas modernas de combate às epidemias, à doença e à fome (Linhares *apud* Arantes, 2011). Dessa maneira, ficaria justificada a espoliação – mercantilista em um primeiro momento, expansionista e capitalista em um segundo –, seguida de perto por um sistema de trocas parcial e injusto (Arantes, 2011).

Em 1950 o também antropólogo Alfred Métraux (1950:8) já tecia comentários críticos a respeito dos alicerces que fundamentavam a ciência ocidental: “Au moment où notre civilisation industrielle pénètre sur tous les points de la terre, arrachant les hommes de toutes couleurs à leurs plus anciennes traditions, une doctrine, à caractère faussement scientifique”; tal doutrina de caráter científico duvidoso é “invocée pour refuser à ces mêmes hommes, privés de leur héritage culturel, une participation entière aux avantages de la civilisation qui leur est imposée”.

Assim, sob a égide do império colonialista, a Europa comandou o genocídio de milhares de pessoas, de suas culturas e de tudo o mais que se lhe afigurava dispensável. Pelo seu passado histórico, a Europa é atualmente acusada por seus crimes, como assevera Césaire (2006 [1955]: 4): “Et aujourd'hui il se trouve que ce ne sont pas seulement les masses européennes qui incriminent, mais que l'acte d'accusation est proféré sur le plan mondial par des dizaines et des dizaines de millions d'hommes qui, du fond de l'esclavage, s'érigent en juges”. Para este autor, a Europa é indefensável, posto que esta se constituiu historicamente no maior exemplo de exploração do homem pelo homem: “L'Europe est indéfendable [...] moralement et spirituellement.” Césaire concebe a Europa como: “Une civilisation decadente”; por esta ser, na sua concepção, “incapable de résoudre les problèmes que suscite son fonctionnement”.

Sob o jugo dos ideais expansionistas, impingiu-se a esses povos uma condição muito particular: a *situação colonial*. Esta colocava problemas ao povo submetido que os instava a reação de acordo com a margem de “jogo” que lhes era concedida, à administração que representa a nação, por assim dizer, tutelar (defendendo os interesses locais desta última) e ao Estado recém-criado sobre o qual pesa todo um passivo colonial (Balandier, 1951).



Todos estes povos dominados, distribuídos pela Ásia, África e Oceania, relevam de culturas ditas “atrasadas”, ou “não mecanizadas”; eram eles que compunham o campo de pesquisa no interior do qual operaram – e operam – os antropólogos e/ou etnólogos. E o conhecimento de caráter científico advindos dos povos colonizados deve-se, em grande medida, aos estudos por eles realizados. Tais trabalhos não podiam (ou não deviam), em princípio, ignorar um fator tão importante como a colonização que, desde há um século ou mais, impõe um determinado tipo de evolução às populações subjugadas. Parecia impossível não ter em conta as condições concretas em que a história recente desses povos se desenrolou (Balandier, 1951:2).

No entanto, a atenção concedida pelos diversos antropólogos a este contexto preciso, foi muito desigual. Balandier (1951) analisa que de um lado, existiram os investigadores obcecados com a busca da pureza etnológica, do fato inalterado e miraculosamente conservado na sua “primitividade” ou, ainda, aqueles que, exclusivamente ávidos de especulação teórica, refletem sobre o destino das civilizações ou sobre a origem das sociedades; de outro, havia os investigadores envolvidos numa multiplicidade de investigações práticas, de âmbito restrito, contentando-se com um empirismo cômodo que não ultrapassa o nível de uma técnica.

Insatisfeito com a perspectiva teórica norte-americana – principalmente com a escola de cultura e personalidade representada pelas discípulas de Franz Boas, Margaret Mead e Ruth Benedict –, Balandier buscava compreender as relações interculturais fora do esquema da interpenetração das civilizações. No entanto, no que diz respeito às antropólogas Mead e Benedict, faz-se necessário esclarecer que estas não tiveram como escopo efetivo a análise do processo colonial. As autoras objetivavam, *grosso modo*, deslindar os mecanismos que operavam na transmissão da cultura às novas gerações e quais as consequências dessa transmissão na construção da personalidade dos atores sociais submetidos a tal processo.

Para Balandier, o processo de “aculturação” e de “apropriação” cultural não poderia ser apreendido como sendo simplesmente o resultado do contato entre duas culturas distintas, era preciso redefinir o contexto desigual no qual a interação se desenvolvia. A esse contexto, uma totalidade que envolveria inteiramente as partes em questão, Balandier denominou de “situação” colonial (Ortiz, 2002:47).

Aproximando-se mais de autores como Fanon e Bastide na tentativa de buscar – nas contribuições destes – elementos que pudessem auxiliá-lo no entendimento dos fatores que



desestruturavam o sujeito colonial, Balandier incorpora cada vez mais o ponto de vista historicista e situacional. Contudo, este aspecto de cunho historicista nos escritos de Balandier deve ser interpretado à luz de uma ruptura epistemológica com os modelos teóricos da antropologia francesa de influência maussiana, representados nas obras de Marcel Griaule (1938) e Michel Leiris (1934), respectivamente *Máscaras Dogon* e *A África Fantasma* (Blanes, 2009).

Monteiro (1993: 104) acredita que o contributo do trabalho de Balandier através de suas escolhas teóricas, é o de “revelar ao olhar antropológico uma realidade cultural dos povos colonizados muito distinta daquelas que os antropólogos dos anos 30 e 40 haviam idealizado; pervadem suas análises uma ilusão de coesão, homogeneidade cultural e resistência [...]”. Essas análises, de acordo com a avaliação de Monteiro, são mantidas e reiteradas até hoje pelos que “estudam as relações entre culturas diversas [...]”.

A distinção entre Balandier e os antropólogos dos anos 30 e 40, no que compete à colônia, assenta-se na elaboração de teorias que tinham como foco o contato. Criticando a análise Malinowskiana de “situação de contato”, Balandier a considera reducionista, dado o fato que tal análise supõe a possibilidade dessa situação existir somente entre instituições semelhantes. Para este autor, “o contato se dá no interior de uma realidade mais global [...]”; ou seja, que leva em conta as dimensões conjunturais que favorecem o surgimento de uma sociedade diferente, oriunda da relação entre a sociedade colonial e a sociedade colonizada (Monteiro,1993:104).

As interpretações de Balandier eram matizadas por várias correntes de pensamento, que envolviam aspectos históricos, políticos, religiosos, econômicos e culturais. O autor espousa a ideia de que não se pode conceber uma sociedade sem levar em consideração os diversos fatores que a estruturam; inclusive os que determinam conflitos e dissensões. Portanto, seria necessária uma aproximação que levasse em conta as divisões e fraturas, ou, nos termos de Maffesoli e Rivière, as “turbulências” para que se pudesse compreender as dinâmicas de mudança social produzidas pelo contato cultural (Blanes, 2009).

## **ANTROPOLOGIA DO COLONIALISMO**

Nos idos do século XIX imigrantes europeus povoavam a África, Austrália, Índia e Nova Zelândia, servindo como informantes sobre essas localidades, então o antropólogo passa a refletir sobre estes povos a partir dos dados recebidos dessa rede de informações,



emergindo, daí, os primeiros trabalhos que tinham o *outro* como objeto. Com o fim da colonização, a antropologia e, por conseguinte, os antropólogos se viram enleados em um turbilhão de incertezas. A primeira foi tachada de “criada do colonialismo” e os segundos acusados de construir suas carreiras à custa da riqueza cultural do mundo colonizado. Outra acusação frequente dizia respeito à postura científica que teria adaptado a história e a cultura do colonizado à história e à cultura do mundo ocidental; como “se as culturas não ocidentais não tivessem existido antes da chegada do primeiro antropólogo” (Dewulf, 2006:132).

A situação colonial pode – em parte – explicar as diferenças no processo de profissionalização da etnografia:

We ought to consider, for instance, the influence on Malinowski's "invention" of modern fieldwork of the fact that he, because of the lack of cooperation of the missionary Savile and the suspicion of local authorities during the First World War, was forced to rely much more on his own devices than was common at the time. The introduction to *Argonauts* can be read as a charter for a certain form of fieldwork - participant observation - which could be executed by the professional anthropologist on his own. With the Malinowskian "revolution" in ethnography, the questionnaire became obsolete. Not only did *Argonauts* successfully propagate a change in the ethnographic genre, it was also the culmination of a change in the conceptions of research - initiated by, among others, Haddon and Rivers - which was now conceived of as a methodology that, in contrast with the questionnaire, could not be easily mastered by laymen (Pels; Salemink 1994: 9).

Segundo Pels (1997:164), antropólogos frequentemente pensam o colonialismo de três maneiras: como progresso universal e evolutivo da modernização; como uma estratégia ou experiência particular de dominação e exploração e como um negócio inacabado oscilando entre batalhas e negociações. Análises antropológicas do colonialismo comumente combinam as três maneiras.

Para Pels (1997), a antropologia do colonialismo é, na verdade, uma antropologia da antropologia. Isso porque muitos aspectos da disciplina; sejam metodológicos, organizacionais ou profissionais, mantêm inalterados os modelos herdados das circunstâncias coloniais do nascente século XX. De acordo com esse autor: “Studying colonialism implies studying anthropology’s context, a broader field of ethnographic activity that existed before the boundaries of the discipline emerged and that continues to influence the way they are drawn (Pels; Salemink 1997 [1994]: 165). A respeito do contexto em que trabalhavam os antropólogos – e seu prolapado envolvimento com os objetivos da colônia –, Asad argumenta



que: “[...] that not the complicity of anthropologists with colonialism, but the location of anthropology in the colonial context” (1973: 18-19).

A antropologia empreendeu – como ciência social – seu desenvolvimento e principais contribuições através do trabalho realizado nas colônias africanas e asiáticas no início do século XX, por pesquisadores de várias nacionalidades, tais como: franceses, ingleses, norte-americanos, dentre outros (Kuper, 2002: 45-71). Com o surgimento e consequente incremento dos processos de descolonização, aqueles que se dedicavam à antropologia adquiriram novo fôlego; graças aos debates inerentes à relação de autoridade existente entre sujeito e objeto, ou seja, antropólogo e “nativo”. Como bem observou Asad (1973:12): “[...] since the Second World War, fundamental changes have occurred in the world which social anthropology inhabits, changes which have affected the object, the ideological support and the organizational base of social anthropology itself”.

O interesse científico e social sobre os aspectos da sociedade colonial iniciou-se nos anos 60 com autores como Balandier (1963); Mair (1938) e Malinowski (1945). No entanto, é a partir dos anos 80 que surgem estudos a respeito do passado colonial, principalmente nos países de língua inglesa. Passou-se, então, da inquietação com o papel da disciplina no projeto colonial e as políticas de seus praticantes à preocupação com as formas de conhecimento sobre mundos não europeus; preocupação mais epistemológica que política (colonialismo como problema de representação).

No começo dos anos 90 os tais estudos recrudesceram, emergindo, assim, uma antropologia do colonialismo que realça e estimula uma reflexão crítica sobre a antropologia atual face sua matriz historicamente de viés colonial (Pels, 2008). Dentre os principais fatores que concorreram para recrudescimento mencionado, destacam-se: a derrocada do anti-imperialismo e anticolonialismo como ponto de partida de preocupações político-ideológicas (o término dos conflitos no Vietnã e a era Reagan sinalizaram a ruína do interesse pelas mudanças no Terceiro Mundo por parte dos intelectuais do Primeiro Mundo; decadência das experiências que visavam à radical mudança social em muitos países independentes da África, sul da Ásia, Caribe e América Latina); as transformações no campo intelectual referentes à compreensão e à práxis das ciências humanas: do determinismo de Leslie White e Julian Steward e do funcionalismo de Radcliffe-Brown para o construtivismo social e cultural, em busca de um significado primevo; e, obviamente, a preocupação com os modos de representação nas análises sociais e culturais criou o contexto para o surgimento dos Estudos



Coloniais, que contribuíram para a institucionalização da renovação do olhar dos intelectuais sobre o colonialismo (Scott, 1999).

Para Prakash (*apud* Almeida 2002:24), um dos efeitos da crítica pós-colonial foi “a introdução de uma crítica radical dos padrões de conhecimento e identidades sociais que eram autorados e autorizados pelo colonialismo e pelo domínio ocidental”. O que não significava, na opinião de Almeida (2002:24), “que o colonialismo e seus legados tenham permanecido inquestionados até hoje [...], mas sim que ambos funcionavam graças a narrativas-mestras que colocavam a Europa no centro”. Desse modo, o que se tem, ainda na análise de Almeida, é uma crítica pós-colonial empreendendo a tentativa de desfazer o eurocentrismo, mantendo, todavia, “a consciência de que a pós-colonialidade não se desenvolve numa distância pan-óptica em relação à história: a pós-colonialidade existe como um ‘depois’ – depois de ter sido ‘trabalhada’ pelo colonialismo”.

De um modo geral, duas correntes antropológicas oriundas da tomada de consciência da situação colonial podem ser salientadas aqui: uma das grandes tendências nos debates disciplinares durante o último século XX derivou da percepção a respeito do papel desempenhado no estudo e na representação de sociedades “primitivas” – ou não ocidentais – menos desenvolvidas pelo colonialismo ocidental; da exploração de dependência; da opressão dos camponeses e da manipulação e/ou gestão de sociedades nativas para fins imperiais (Said, 1989).

A outra corrente principal apontada por Said (2005) é a antropologia denominada como pós-moderna, praticada por estudiosos influenciados pela teoria literária em geral, e mais especificamente pelos teóricos da escrita, do discurso, e dos modos de poder, como Michel Foucault, Roland Barthes, Clifford Geertz, Jacques Derrida, White Hayden dentre outros.

A noção de colonizado, segundo Said (1989), apresenta a sua própria marca de volatilidade. Antes da Segunda Guerra Mundial os colonizados eram os habitantes do mundo não ocidental e não europeus que haviam sido controlados e, muitas vezes estabelecidos à força pelos europeus. Assim, portanto, tanto o colonizador quanto o colonizado estão situados em um mundo especial, com suas próprias leis e situações; ou como descrito em *Os condenados da Terra* de Frantz Fanon (1961), quando este analisa a cidade colonial como sendo dividida em duas metades separadas, onde a comunicação entre as metades se dá através de uma lógica de violência e contra-violência.



Fanon elabora, com muita propriedade, uma análise profunda dos aspectos nefastos do empreendimento colonial por meio de um exame pormenorizado e criterioso dos mecanismos de violência, submissão e perda de humanidade que produzem e reproduzem o *colonizado*. A descolonização acarretaria, assim, na emergência e reestruturação de um hipotético *sujeito colonial*; provido, agora, da humanidade que lhe fora negada (Fanon 2007 [1961]: 50-65). Este autor foi um dos mais importantes teóricos no enfrentamento que culminou com a libertação da Argélia, tanto pelas contribuições intelectuais quanto pela militância política.

Casanova (2002: 96-97), a respeito da desumanização de que é vítima o colonizado, reclama do pouco interesse que a psicologia e a mentalidade colonialista têm despertado nos estudiosos: “Não dispomos, que eu saiba, de um estudo empírico e rigoroso sobre a ‘personalidade colonialista’, apesar do quão necessário e útil seria”. O autor aponta o tratamento dado ao colonizado pelo colonizador quando analisa que “Na sociedade colonial há uma complicada etiqueta que determina os termos em que uma pessoa deve e pode se dirigir aos diferentes grupos sociais, o grau de ‘cortesia ou grosseria aceitável’, o tipo de ‘humilhação’ que é natural”.

Citando Memmi (1957), Casanova assevera que o racismo colonial encontra-se introjetado aos gestos, através de reflexos aprendidos, desde tenra infância, “constituindo uma das estruturas mais sólidas da personalidade colonialista”. Todavia, é o próprio Memmi quem melhor traduz a violência que caracteriza o “trato” colonial: “Que dever sério se tem diante de um animal ou uma coisa, que é o que o colonizado cada vez mais parece? É por isso que o colonizador permite, a si mesmo, as atitudes e os julgamentos que faz sobre o colonizado”.

Desse modo, negando humanidade ao colonizado, o colonizador o vê como um arremedo de ser humano, como algo desprovido de dignidade ou como mero espetáculo a diverti-lo: “até mesmo um acidente grave, que afeta o colonialismo, quase o faz rir”. As perdas humanas que o fuzilamento de uma multidão colonizada traz, só lhe desperta indiferença, assim como “Uma mãe indígena que chora a morte de seu filho ou de seu marido apenas lhe recorda vagamente a dor de uma mãe ou de uma esposa” (Memmi *apud* Casanova, 2002: 97-98).

Para esse autor, no âmago das interações e contatos que a colonização enseja é visível que as relações humanas adquirem um caráter artificial e falso; que são destruídas e/ou esclerosadas as instituições, corrompendo os homens, colonizadores e colonizados (Memmi





2007). Nesse nefando processo, a desumanização atinge a ambos, tanto colonizado quanto colonizador, num círculo de destruição e ódio cuja tendência é o abismo.

Nas elucubrações de Memmi ([1957] 2007), o que fica patente é a impossibilidade de o colonizador entender-se como colonizado, ou seja, assumir, ainda que hipoteticamente, o seu lugar. Para Memmi, o colonizador será sempre colonizador, pensando sempre como tal, ainda que visivelmente aborrecido diante da realidade da exploração colonial – embora figure ao lado dos colonizados no enfrentamento que busca a derrocada da colonização. Os princípios, valores e idiosincrasias que regem o colonizador não são autóctones; portanto, este será, a despeito do esforço que faça, sempre um forasteiro. Sua situação nesse cenário assemelha-se à de um apátrida, pois devido ao seu papel junto aos povos que expropria, deve exercer o comando; e junto aos seus compatriotas na metrópole, não é tido como igual. Segundo Memmi, não há interação admissível que livre o colonizado, senão a cisão; isto é, as duas *consciências-de-si*<sup>1</sup>, a do colonizador e a do colonizado, são contrárias e inconciliáveis. No entanto, justifica-se a reação nacionalista do colonizado, resultado que é da exploração colonial: “[...] esperar do colonizado, que tanto sofreu por não existir por si mesmo, que seja aberto ao mundo, humanista e internacionalista, parece de uma leviandade cômica.” (Memmi 2007 [1957]: 177).

Decorre, então, dos mencionados antagonismos e inconciliações a indagação deste autor referente às maneiras possíveis de libertação do colonizado das amarras da condição colonial: “[...] a não ser pela ruptura, pelo estouro, cada dia mais explosivo, desse círculo infernal? A situação colonial, por sua própria fatalidade interior, convoca à revolta. Pois a condição colonial não pode ser suportada: qual uma golilha de ferro deve ser quebrada” (Memmi, 2007: 112).

Na opinião de Bhabha (1998: 76), os antagonismos e inconciliações se devem ao fato de ser “[...] sempre em relação ao lugar do Outro que o desejo colonial é articulado: o espaço fantasmático da posse, que nenhum sujeito pode ocupar sozinho ou de modo fixo [...]”. Para este autor, é na impossibilidade da constituição de uma alteridade colonial [construída não no

---

<sup>1</sup> Para Hegel “[...] A consciência-de-si é a reflexão, a partir do ser do mundo sensível e percebido; é essencialmente o retorno a partir do ser-Outro. [...] Para a consciência-de-si, portanto, o ser-Outro é como um ser, ou como momento diferente; mas para ela é também unidade de si mesma com essa diferença, como segundo momento diferente [...]”. [...] A consciência-de-si é em si e para si quando e porque é em si e para si para uma Outra; quer dizer, só é como algo reconhecido [...]”. Cf. HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. *Fenomenologia do Espírito*. Tradução de Paulo Meneses com colaboração de Karl-Heinz Effen. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1992. p. 120; 126. Ver INWOOD, Michael. *Dicionário Hegel*. Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.



*Eu colonialista* ou no *Outro colonizado*, mas através da distância entre os dois] que “emerge o problema liminar da identidade colonial e suas vicissitudes” (1998: 76). Assim, a identificação não se reduz a algo “pré-dado”, algo como uma espécie de destino auto-suficiente, que se realiza em si mesmo. Tal identificação é “sempre o retorno de uma imagem de identidade que traz a marca da fissura no lugar do Outro de onde ela vem”, que calcada na repetição e na “atmosfera de certa incerteza” enreda o corpo e “atesta sua existência e o ameaça de desmembramento” (1998: 77).

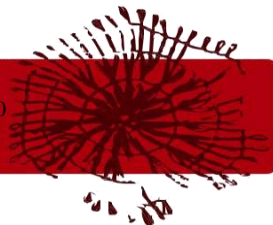
A retórica contundente e apaixonada de Memmi tem razão de ser, visto ser ele não somente um autor indignado com a condição que as colônias impuseram aos povos que sujeitou, mas um intelectual que vivenciou a colonização não como um alóctone, mas como um colonizado que critica e analisa – com conhecimento de causa – as injunções e desmandos do sistema que o oprime. Exemplo de intelectual orgânico<sup>2</sup>, assim como Fanon, Memmi possibilitou a tomada de consciência de outros povos em relação à condição em que estavam inseridos no processo colonial, promovendo a emergência de uma intenção de cunho socializador que suscitou no reconhecimento dos dominados como indivíduos detentores de direitos políticos.

Na cidade colonial, consoante as análises de Fanon ([1961] 2007), o espaço por excelência do colonizado são as periferias e vielas sujas, bairros imundos e desprovidos de qualquer infraestrutura. Mas o colono tem acesso à cidade central e moderna, na qual circula sem restrição. Os aparatos repressores do Estado, detendo o monopólio da força, são os instrumentos principais na manutenção e demarcação desses espaços. No entanto, é o próprio colonizado – numa espécie de catarse de sua violência reprimida – que se constitui como elemento de perigo para si quando, segundo Sartre (2007:14) “[...] en el momento de impotencia, la locura homicida es el inconsciente colectivo de los colonizados”. Tal violência, reflexo da impotência diante do inimigo, é analisada por Sartre da seguinte maneira:

Essa fúria contida al no estallar, gira em redondo y daña a los propios oprimidos. Para liberarse de Ella acaban por matarse entre si: las tribus luchan unas contra otras al no poder enfrentarse al enemigo verdadero —y, naturalmente, la política colonial fomenta sus rivalidades; el hermano, al levantar el cuchillo contra su hermano, cree destruir de una vez por todas la imagen detestada de su envejecimiento común. Pero esas víctimas expiatorias no apaciguan su sed de sangre; no evitarán lanzarse contra

---

<sup>2</sup> Ver Antonio Gramsci. *La formación de los Intelectuales*, México: Editorial Grijalbo S.A.1967. Capítulo I p. 21-36. Disponível em: [http://www.4shared.com/get/tFOftoUH/Gramsci\\_Antonio\\_-\\_La\\_formacion.html](http://www.4shared.com/get/tFOftoUH/Gramsci_Antonio_-_La_formacion.html).



las ametralladoras, sino haciéndose nuestros cómplices: ellos mismos van a acelerar el progreso de esa deshumanización que rechazan (Sartre, 2007: 14)

Contudo, segundo a avaliação de Casanova (2002), a superação e consequente independência dos nativos, ou colonizados, advinda com o desaparecimento direto do jugo imposto pelos colonizadores não os coloca a salvo da violência e da exploração, sejam estas simbólicas, físicas ou comerciais. Surge, então, no lugar da exploração do colonizador em relação ao colonizado a exploração do colonizado pelo colonizado. Para verificar tal proposição, o autor aponta como exemplo a literatura “indigenista” e – na sua avaliação – “liberal” produzida ao longo do século XIX que “[...] assinala a exploração dos indígenas pelos ‘crioulos’, e também o fato de que a exploração dos indígenas continua tendo as mesmas características que tinha na época anterior à independência.” (Casanova, 2002: 83).

Scott (1999) visualiza o “cárcere” do colonizado em termos de ideologia e manutenção de discursos de poder. É na seara política e na construção do *Estado colonial* onde vicejam estes discursos e onde estão localizados. Poder, conhecimento e representação dos sujeitos coloniais estão intimamente relacionados; relação intrinsecamente gestada no âmago da noção de *governamentalidade*<sup>3</sup> de Foucault. No entanto, é na sondagem dos conteúdos e dos sentidos semânticos – conferidos aos projetos que visavam à *mudança* em contextos coloniais – que Scott questiona a *governamentalidade* colonial, assim como a emergência dos subterfúgios de Estado dirigidos à população pela via administrativa e da representação local (Cunha, 2002).

## **A INVENÇÃO DO TERCEIRO MUNDO**

No momento em que as ideias do economista e demógrafo francês Alfred Sauvy sobre Terceiro Mundo tornaram-se conhecidas, os colonizados tornaram-se sinônimo de Terceiro Mundo. À época da efervescência das ideias de Sauvy (1952) e sob a égide do desenvolvimento, formulado inicialmente nos Estados Unidos e Europa no mundo pós Segunda Guerra Mundial, o empreendimento colonial buscava “desenvolver” os demais continentes. Em seu discurso de posse como presidente dos Estados Unidos Harry Truman anunciou ao mundo seu conceito de “trato justo” que conclamava os Estados Unidos e o mundo rico europeu a resolver os problemas dos países “subdesenvolvidos” ao redor do globo:

---

<sup>3</sup> Cf. FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2007. p. 277-293.



More than half of the world's population lives in conditions approaching to misery. Their food is inadequate, victimized disease. Their economic life is primitive and stagnant. Their poverty is an obstacle and a threat to them and to more prosperous areas. For the first time in history, humanity possesses the knowledge and capacity to alleviate the suffering of these people. I think we should make available to peace lovers the benefits of our wealth of technical knowledge to help them achieve their aspirations a better life. [...] What we have in mind is a development program based on the concepts of fair and democratic ... Producing more is the key to peace and prosperity. And the key to producing more is more and more vigorous application of technical knowledge and modern science (Truman, 1964: 1)

Desse modo, segundo Escobar (2007) a América Latina, Ásia e África têm sido alvos de um evangelho peculiar pregado com intenso fervor e proselitismo insano: o “desenvolvimento”. Tal discurso - inicialmente desenvolvido nos EUA e na Europa durante os anos após o final da Segunda Guerra Mundial – tem sido aceito e melhorado pelas elites e governantes do Terceiro Mundo. O modelo de desenvolvimento, desde o seu início, continha uma proposta – de um ponto de vista antropológico – historicamente incomum: a transformação de culturas e formações sociais de três continentes consoantes aos ditames dos donos do poder encastelados nos chamados *Primeiro Mundo*. Esperava-se que graças a um fictício decreto tecnológico e econômico e à propalada planificação, as culturas milenares e complexas tornar-se-iam clones dos países do oeste racional, economicamente reputados como avançados (Escobar, 2007: 11).

Assim, “o colonizado” não se constituía em um grupo histórico que havia vencido a soberania nacional, mas sim uma categoria que incluía os habitantes de estados recém-independentes, bem como povos sujeitos em territórios adjacentes ainda colonizados por europeus (Said, 1989: 206). Por conta disso, o status de povo colonizado foi fixado em zonas periféricas de dependência e estigmatizado na designação de subdesenvolvidos; menos desenvolvidos; países em desenvolvimento, governado por um superior desenvolvido e metropolitano. Em outras palavras, se a categoria de seres inferiores tinha se ampliado para incluir um contingente ainda maior, bem como uma nova era, então, tanto pior para eles. Assim, ser um dos colonizados é “[...] potentially to be a great many different, but inferior, things, in many different places, at many different times” (Said, 1989:207). Dessa maneira, é irretocável a observação de Fanon (2007:58): “La atmósfera de violencia, después de haber



impregnado la fase colonial, sigue dominando la vida nacional. Porque, como hemos dicho, el Tercer Mundo no está excluido. Está, por el contrario, en el centro de la tormenta”.

O efeito da colonização sob os diversos povos subjugados pela empreitada colonialista deixou resultados nefastos: pobreza, dependência de subdesenvolvimento, várias patologias de poder e corrupção; mas também legou, é claro, realizações notáveis na guerra, alfabetização, desenvolvimento econômico. No entanto, pondera Said (1989), essa amálgama de características marcou os povos colonizados; que tinham se livrado de um nível de colonização, mas permaneciam vítimas de seu passado em outro.

## LITERATURA E COLONIALISMO

Said demonstra no seu trabalho intitulado *O Orientalismo*, publicado em 1978, que as estratégias do colonizador vão além da invasão do espaço geográfico; ela se dá também no campo do discurso. A ideia de colonialismo como formação discursiva fica patente nas formas através das quais o discurso colonial inventou o Oriente. A obra desse autor contribuiu para a abertura de novos horizontes de pesquisa; bem como para o surgimento de uma demanda crítica pela interrogação dos discursos de autoridade ocidentais sobre não ocidentais e os desmascaramentos das formas através das quais eles produzem e reproduzem seus conhecimentos hegemônicos. Percebe-se, assim, que a ação continuada de ocidentalização do mundo pode ser interpretada como um movimento constituidor da *Modernidade* que objetiva universalizar uma lógica europeia.

Outro trabalho de suma importância de Said na compreensão do estratagema colonial de dominação é o livro *Cultura e Imperialismo* (1995), em que o autor faz reflexões sobre a produção literária do período colonial na Inglaterra, demonstrando a intenção desses escritos em promover uma espécie de iluminação das trevas. Tal intento é facilmente verificável no romance colonial intitulado *Heart of Darkness* de Joseph Conrad. Ao longo do romance, o narrador/protagonista Marlow descreve a viagem que fez à África e suas impressões a respeito do mundo selvagem, escuro e perigoso recém-descoberto pela civilização ocidental e seus prepostos. Conclui-se, então, que é o encontro do homem civilizado com o mundo da barbárie, da solidão e do medo. A assertiva pode ser ilustrada no excerto em que Charlie Marlow, o protagonista/narrador do romance, relata seu desembarque:

Land in a swamp, march through the woods, and in some inland post feel the savagery, the utter savagery, had closed round him—all that mysterious life of the wilderness that stirs in the forest, in the jungles, in the hearts of wild men. There's no



initiation either into such mysteries. He has to live in the midst of the incomprehensible, which is also detestable. And it has a fascination, too, that goes to work upon him. The fascination of the abomination – you know, imagine the growing regrets, the longing to escape, the powerless disgust, the surrender, the hate (Conrad, 1902: 7).

Este expediente acaba por justificar a empreitada colonial através de objetivos “civilizadores” e “salvacionistas” que tencionavam – como que inspirados por Platão<sup>4</sup> – retirar o colonizado de sua “caverna” e trazê-lo para a luz, matizada pelo prisma do mundo ocidental. Desse modo, é pertinente a análise de Akafor (1988:20) quando assevera que: “Heart of Darkness portrays Africa as a land of savages who do not have any worthwhile culture or civilization”. Tal perspectiva, para Moita Lopes e Fabrício (2005), “[...] produziu uma forma de construção de narrativas imaginárias sobre a alteridade e subjetividades alinhadas ao projeto colonial ocidental”, que tende a mostrar o oriente como a parte apodrecida da maçã global. Assim, tomando o mundo oriental como exemplo, Said (1996 [1978]:59) analisa que: “[...] de um lado estão os ocidentais, do outro os orientais-árabes; os primeiros são (sem nenhuma ordem em especial) racionais, pacíficos, liberais, lógicos, capazes de ter valores reais, sem desconfiança natural; os últimos não são nada disso”. Ou seja, não sendo “nada disso” são, na lógica do discurso colonial, o oposto “disso”: irracionais; irascíveis; ilógicos; incapazes de valores reais e falsos. Nas palavras de Lopes e Fabrício:

Ao debruçar-se sobre o processo de construção do “outro-inimigo” oriental, Said (1981) também investiga o papel da mídia na construção de uma realidade política adversa. Segundo o autor, o mundo islâmico vem sendo foco, há algum tempo, de intenso interesse da mídia ocidental, cuja linguagem e abordagem têm se caracterizado por estereótipos exagerados e hostilidade beligerante. Imagens e discursos generalizantes retratam a cultura árabe e muçulmana de forma monolítica, igualando-a ao extremismo, ao terrorismo, à histeria religiosa e à ameaça a uma “ordem” ocidental. Tal postura incita a formação de grupos de especialistas sobre o Islã que produzem discursos extravagantes e pontificadores, contribuindo não só para o acirramento da polaridade oriente-ocidente como também para a postergação da possibilidade de qualquer diálogo intercultural. Tais idéias, dramatizadas e cristalizadas em programas de notícias, entrevistas e *talk shows*, instauram um regime dicotômico, sem matizes, perpetuando a associação automática do “Islã” ao fundamentalismo e a toda sorte de aspectos negativos como violência, primitivismo, atavismo e qualidades ameaçadoras (Moita Lopes; Fabrício 2005: 255) [Grifos do autor]

Ainda a propósito de *O Coração das Trevas*, o romancista, poeta e crítico literário Chinua Achebe (1988) o classifica como um romance racista. A argumentação de Achebe

---

<sup>4</sup> Cf. PLATÃO. *A República de Platão (Livro VII – O Mito da Caverna)*. São Paulo: Nova Cultural, 1999. (Col. Os Pensadores).



assemelha-se – guardadas as devidas proporções – à de Said quando aponta a obra como um libelo que visa à aclamação da suposta superioridade do ocidente em face de uma África escura, selvagem e bestial: “Heart of Darkness projects the image of Africa as ‘the other world’, the antithesis of Europe and therefore of civilization, a place where man's vaunted intelligence and refinement are finally mocked by triumphant bestiality.” (Achebe, 1988 [1960]: 19).

O autor localiza seu raciocínio no início do romance de Conrad quando este – através da descrição da viagem de seu personagem Charlie Marlow – apresenta o rio Tâmisia como tranquilo, sereno e ordeiro; nas palavras de Achebe (1988: 20): “The book opens on the River Thames, tranquil, resting, peacefully ‘at the decline of day after ages of good service done to the race that peopled its banks.’ But the actual story will take place on the River Congo, the very antithesis of the Thames”. Já o Rio Congo é o *locus* da revolta aquática: proceloso, bravo, intenso e imprevisível. Dessa maneira, com certo sarcasmo, Achebe comenta que: “The River Congo is quite decidedly not a River Emeritus. It has rendered no service and enjoys no old-age pension. We are told that Going up that river was like traveling back to the earliest beginnings of the world.” (1988: 20).

Contudo, deve-se levar em conta que Conrad era um homem de seu tempo e que sua produção é tributária de sua época. Ou seja, se os escritos de Conrad em *O Coração das Trevas* emanavam preconceitos raciais, isso pode ser interpretado como expressão do preconceito do homem europeu; distante da realidade da África. Ademais, trata-se de uma produção literária destinada ao mercado e, portanto, sofrendo as diversas e possíveis ingerências por parte dos editores, sempre preocupados com a venda dos “produtos” que financiam e que, por isso, afinados com o “gosto” literário da época, como observou Okafor (1988: 19): “Conrad, like a photographer, deliberately set his novel in Africa because he – as well as his nineteenth-century European audience – believed that the continent epitomized savagery”.

Said (1995: 56) também cogita certa inocência em Conrad quando este tenta – quiçá com as mais insuspeitas intenções – denunciar as mazelas do colonialismo fazendo uso de uma retórica esteticamente comprometida com o projeto e as influências coloniais, como se pode deduzir do trecho a seguir: “Heart of Darkness é uma obra que funciona tão bem porque sua política e sua estética são, por assim dizer, imperialistas, as quais, nos últimos anos do século XIX, pareciam ser uma política e uma estética, e até uma epistemologia, inevitáveis e



inescapáveis”. Em que pese estes argumentos, Akafor (1988: 18) é incisivo quando afirma que: “Regrettably, Conrad was a veritable offspring of nineteenth century European prejudices about Africa”.

O *Coração das Trevas*, desde sua publicação em 1902, tem suscitado inúmeras observações e críticas, como as de Achebe. Contudo, também tem servido de inspiração na construção de linguagens outras que não as exclusivamente literárias. Francis Ford Coppola – objetivando uma crítica ao imperialismo – adaptou o livro para o cinema e deu-lhe o título de *Apocalypse Now*<sup>5</sup> (1979), transformando a África em Vietnã e transportando a estética textual de *O Coração das Trevas* para a linguagem imagética das telas do cinema.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

São inegáveis as influências legadas ao mundo pela empreitada colonial. Esta foi responsável pelo extermínio de nações inteiras; de suas culturas e modos de vida. Ainda hoje o projeto reverbera no mundo europeu, não só como discurso, mas também como prática de dominação e expropriação. Atualmente 61 países no mundo ainda se encontram sob o jugo colonial: 16 sob jurisdição da França; 15 da Grã-Bretanha; 14 dos Estados Unidos; 6 sob a jurisdição da Austrália; 3 da Nova Zelândia, 3 da Noruega; 2 da Dinamarca e dois da Holanda.

As influências atuais do colonialismo se expressam na penetração cultural, social e econômica de que são objeto alguns países ao redor do mundo. Quanto ao aspecto cultural, basta ver a preponderância do cinema americano no mundo, que espraia o modo de vida americano como modelo a ser seguido, ou ainda as incursões das potências bélicas em várias regiões do Globo, respaldadas pelo discurso “salvacionista” que justifica – aos olhos desavisados dos incautos – a destruição da cultural material, a transformação da cultura imaterial em algo muitas vezes tão distinto de sua origem que lhe impossibilita o reconhecimento imediato por parte do povo que a vivencia, que a constrói e representa.

No campo econômico têm-se as ingerências por parte dos antigos colonizadores na economia, na administração e no sistema político de suas “ex”- colônias. É certo que as

---

<sup>5</sup> Ano: 1979. Direção: Francis Ford Coppola. Roteiro: John Milius e Francis Ford Coppola. Elenco: Martin Sheen, Robert Duvall, Marlon Brando, Laurence Fishburne, Dennis Hopper. Duração: 153 minutos. O filme apesar de retratar a Guerra do Vietnã foi rodado nas Filipinas, com o total apoio do governo deste país. Cf. VALENTE, Graciela Maria de Matos. *Da Obra Literária ao filme: adaptação de Heart of Darkness*. 2010. 95 fls. Dissertação (Mestrado em Línguas, Literaturas e Culturas). Universidade de Aveiro (UA). Departamento de Línguas e Culturas. Portugal. Disponível em: <http://ria.ua.pt/bitstream/10773/4048/1/4412.pdf>





sociedades – e os modos culturais que as particularizam – são dinâmicas em si mesmo e sofrem influências externas. Todavia, essas influências deveriam ser “escolhidas”, ainda que inconscientemente, e não impostas.

No tocante à Antropologia e seu papel no processo de colonização, embora esta seja acusada vez ou outra de ter colaborado com os objetivos do império, ressalta-se a sua importância na demonstração da existência de humanidade dos povos recém-descobertos.

Que a antropologia esteve muitas vezes ao lado dos objetivos dos colonizadores, isto é inegável. Mas também é inegável que esta mesma antropologia “humanizou” os recém-descobertos, visto ter lhes concedido o reconhecimento de sua humanidade – em que pese a teoria evolucionista que matizou esse processo – possibilitando-lhes um lugar na história humana, fazendo-os assim também humanos – ainda que situados, de acordo com teoria vigente à época, no limiar da linha evolutiva do desenvolvimento cultural do homem.

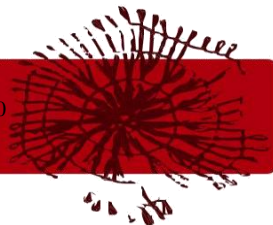
A antropologia não pode ser encontrada nas ruas, como um ser de existência palpável e plausível. O que se encontra são os seus representantes imbuídos pelos títulos outorgados por instituições com poder para tal e carregados de ideologias, desde as mais inocentes e inócuas às mais obscuras e perniciosas. Então, acusar a Antropologia, enquanto ciência do homem e da cultura, pelas posições e práticas pouco éticas de alguns dos seus representantes é, como diz o ditado, jogar, após o banho, a criança com a água suja da bacia.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACHEBE, Chinua. 1988. “An Image of Africa: Racism in Conrad's ‘Heart of Darkness’” *Massachusetts Review*. 18. 1977. Rpt. in *Heart of Darkness, An Authoritative Text, background and Sources Criticism*. 1961. 3rd ed. Ed. Robert Kimbrough, London: W. W Norton and Co., p.251-261. In: <http://kirbyk.net/hod/image.of.africa.html> (acessado em 25 de novembro de 2011).

ALMEIDA, Miguel Vale de. “O atlântico pardo. Antropologia, pós-colonialismo e o caso ‘lusófono’”. In: BASTOS, Cristina; Miguel Vale de ALMEIDA e Bela FELDMAN-BIANCO (Org.). *Trânsitos Coloniais: diálogos críticos luso-brasileiros*, Lisboa: ICS. p. 23-37 (Capítulo I). In: <http://site.miguelvaledalmeida.net/wp-content/uploads/o-atlantico-pardo.pdf> (acessado em 07 de janeiro de 2012).

ARANTES, Marco Antonio. 2011. “Sartre e o humanismo racista europeu: uma leitura sartriana de Frantz Fanon”. *Sociologias*, Porto Alegre, v. 13, n. 27, Aug. In: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1517-45222011000200014&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-45222011000200014&lng=en&nrm=iso) (acessado em 13 de janeiro de 2012).



ASAD, Talal. 1973. *Anthropology and the colonial encounter*. New York: Humanities Press.

BALANDIER, Georges. 1951. “La situation coloniale: approche théorique”. *Cahiers Internationaux de sociologie*. vol. 11, XI: 44-79 PARIS. In: [http://classiques.uqac.ca/contemporains/balandier\\_georges/situation\\_coloniale\\_1951/situation\\_coloniale\\_1951\\_texte.html](http://classiques.uqac.ca/contemporains/balandier_georges/situation_coloniale_1951/situation_coloniale_1951_texte.html) (acessado em 11 de outubro de 2011).

BHABHA, Homi k. 1998. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Editora UFMG.

BLANES, Ruy Llera. 2009. “O Messias, entretanto já chegou. Relendo Balandier e o profetismo africano na pós-colônia”. *Campos - Revista de Antropologia Social*. Number 10, Volume 2, pp. 9-23. In: [http://lisboa.academia.edu/RuyLleraBlanes/Papers/462468/O\\_Messias\\_Entretanto\\_Ja\\_Chego\\_u\\_Relendo\\_Balandier\\_e\\_o\\_Profetismo\\_Africano\\_na\\_Pos-Colonia](http://lisboa.academia.edu/RuyLleraBlanes/Papers/462468/O_Messias_Entretanto_Ja_Chego_u_Relendo_Balandier_e_o_Profetismo_Africano_na_Pos-Colonia) (acessado em 22 de novembro de 2011).

CASANOVA, Pablo Gonzáles. 2002. *Exploração, colonialismo e luta pela democracia na América Latina*. Petrópolis/RJ: Vozes/GLACSO.

CÉSAIRE, Aimé. [1955] 2006. *Discours sur le colonialisme*. Paris: Quatrième édition, Editions PRÉSENCE AFRICAINE. In: <http://ia700307.us.archive.org/5/items/DiscoursSurLeColonialisme/CESAIRE.pdf> (acessado em 19 de agosto de 2011).

CONRAD, Joseph. 1902. *Heart of darkness*. Australia: Free Ebooks at PlanetEbooks.com. In: <http://www.planetebook.com/ebooks/Heart-of-Darkness.pdf> (acessado em 07 de novembro de 2011).

CUNHA, Olívia Maria Gomes da. 2002. “Reflexões sobre biopoder e pós-colonialismo: relendo Fanon e Foucault”. *Mana*, Rio de Janeiro, v. 8, n. 1, Abril. In: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104) (acessado em 23 de outubro de 2011).

DEWULF, Jeroen. 2006. *Por vozes nunca dantes ouvidas: a viragem pós-colonial nas ciências humanas*. Porto: Universidade do Porto. Faculdade de Letras. p. 131-140. In: <http://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/9426> (acessado em 17 de outubro de 2011).

ESCOBAR, Arturo. 2007. *La invención del tercer mundo: contrucción e desconstrucción del desarrollo*. Caracas, Venezuela: 1ª ed. Edición Fundación Editorial el perro y la rana. (Série Colonialidad/ modernidad/ descolonialidad). In: <http://pt.scribd.com/doc/52038106/ESCOBAR-COMPLETO-LA-INVENCIN-DEL-TERCER-MUNDO> (acessado em 22 de setembro de 2011).

FANON, Frantz. [1961] 2007. *Los Condenados de la Tierra*. Rosario – Santa Fé – Argentina: Kolectivo Editorial Ultimo Recurso. Título original: Les damnés de la terre (Traducción de Julieta Campos). In: [http://www.4shared.com/document/rmTtUMzI/FRANTZ\\_FANON\\_Os\\_condenados\\_da\\_.html](http://www.4shared.com/document/rmTtUMzI/FRANTZ_FANON_Os_condenados_da_.html) (acessado em 14 de janeiro de 2012).



HOBBSAWM, Eric J. 2002. *A era dos impérios. 1875-1914*. 7ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

MARTINS, José de Souza. 1993. *A chegada do estranho*. São Paulo: Editora Hucitec.

MEMMI, Albert. [1957] 2007. *O retrato do colonizado precedido pelo retrato do colonizador*. [prefácio de Jean-Paul Sartre]; Tradução de Marcelo Jacques de Moraes. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. Título original: *Portrait du colonisé précédé de portrait du colonisateur*.

MÉTRAUX, Alfred. 1950. "Race et civilization". In: *LE COURRIER DE L'UNESCO*. Volume III-No 6-7 Prix: 1CHrs.-10 cents (U. S.).-6 penche (U. K.) JUILLET. AOUT. Page 8-9. In: <http://unesdoc.unesco.org/images/0008/000814/081475fo.pdf> (acessado em 16 de agosto de 2011).

MOITA LOPES, Luiz Paulo da; FABRICIO, Branca Falabella. 2005. "Discurso como arma de guerra: um posicionamento ocidentalista na construção da alteridade". In: *DELTA* [Online], São Paulo, v. 21, n. spe, 2005. p. 239-283. In: <http://www.scielo.br/pdf/delta/v21nspe/29259.pdf> (acessado em 23 de setembro de 2011).

MONTEIRO, Paula. 1993. "Introdução: a questão colonial revisitada" [Tradução]. In: *Cadernos de Campo* - vol. 3, n. 3 [Online]. p. 103-106. In: <http://antropologiausp.blogspot.com/2011/05/cadernos-de-campo-vol-3-n-3-1993.html> (acessado em 17 de outubro de 2011).

OKAFOR, Clement Abiazem. 1988. "Joseph Conrad and Chinua Achebe: two antipodal portraits of Africa". *Journal of Black Studies*, vol. 19, n. 1, p.17-28. In: [http://boydwick.com/articles/britlit/conrad/okafor\\_19\\_1.pdf](http://boydwick.com/articles/britlit/conrad/okafor_19_1.pdf) (acessado em 26 de outubro de 2011).

ORTIZ, Renato. 2002. "Revisitando a noção de imperialismo cultural". In: SILVA, Jose Pereira da. Myriam Sepúlveda dos Santos, Iram Jacome Rodrigues (Org.) *Crítica Contemporânea: cultura, trabalho, racismo e política*. São Paulo: Annablume: FAPESP, p. 41-59.

PELS, Peter. 1997. "The anthropology of colonialism: culture, history, and the emergence of western governmentality". In: *Annu. Rev. Anthropol.*26:163-183. em arjournals. Annualreviews.org. By Universidade Federal do Rio de Janeiro. (Acessado em 17 de junho de 2010).

\_\_\_\_\_. 2008. "What has anthropology learned from the anthropology of colonialism?". In: *Social Anthropology*. Volume: 16, Issue: 3, Pages: 280-299.

PELS, Peter; SALEMINK, Oscar. 1994. "Introduction: five theses on ethnography as colonial practice". *History and Anthropology*, Vol. 8, p. 1-34. In: [https://openaccess.leidenuniv.nl/bitstream/.../1257357\\_002.pdf?...1](https://openaccess.leidenuniv.nl/bitstream/.../1257357_002.pdf?...1) (acessado em 19 de novembro de 2011).



SAID Edward W. [1978]1996. *Orientalismo*. O oriente como invenção do ocidente. São Paulo: Companhia das Letras.

\_\_\_\_\_. 1995. *Cultura e imperialismo*. São Paulo: Companhia das Letras.

\_\_\_\_\_. 1989. "Representing the Colonized: Anthropology's Interlocutors". *Critical Inquiry*, Vol. 15, No. 2, p. 205-225 Published by: the University of Chicago Press. *Chicago Journals*. In: <http://www.macalester.edu/internationalstudies/Said-Representing%20Colonized.pdf> (acessado em 16 de outubro de 2011).

SARTRE, Jean-Paul. 2007. Prefacio de Jean-Paul Sartre. In: FANON, Frantz. *Los Condenados de la Tierra*. Rosario – Santa Fé – Argentina: Kolectivo Editorial Ultimo Recurso, p. 5-23. In: [http://www.4shared.com/document/rmTtUMzI/FRANTZ\\_FANON\\_Os\\_condenados\\_da\\_.html](http://www.4shared.com/document/rmTtUMzI/FRANTZ_FANON_Os_condenados_da_.html) (acessado em 12 de novembro de 2011).

SCOTT, David. . 1999. *Refashioning futures: criticism after postcoloniality*. Princeton, New Jersey: Princeton University Press.

TRUMAN, Harry. 1964/ [1949], Public Papers of the Presidents of the United States. Harry S. Truman, Washington, U.S. *Government Printing Office*. In: <http://www.trumanlibrary.org/publicpapers/index.php> (acessado em 10 de janeiro de 2012).

KUPER, Adam. 2002. *Cultura: a visão dos antropólogos*. Pinheiros. Bauru: EDUSC.